

UNIVERSIDADE DE COIMBRA
FACULDADE DE LETRAS



CONIMBRIGA



VOLUME XXXIV – 1995

INSTITUTO DE ARQUEOLOGIA

DOI: [https:// dx.doi.org/10.14195/1647-8657_34_12](https://dx.doi.org/10.14195/1647-8657_34_12)

ISSN: 0084-9189

CORELL, Josep, *Las Inscripciones Romanas de la Safor*, Ediciones Clásicas S. A., Madrid, 1993, 155 pp., ilustr. ISBN: 84-7882-096-5.

Integrado na série de publicações do Departamento de Filologia Clássica da Universidade de Valência - a que foi dado o nome de Tyris e cujo aparecimento Marc Mayer saúda, com entusiasmo, no prólogo - a obra constitui o repositório de todas as inscrições latinas conhecidas provenientes da região designada La Safor, isto é, o extremo sudeste da província espanhola de Valência, abarcando uma área de 428,5 km² (cf. o mapa inserto na p. 119).

São, ao todo, 38 monumentos epigráficos de que ressalta, logo à primeira vista, um traço comum: quer pela tipologia quer pela onomástica, documentam uma população que aí se instalou nos primórdios da nossa era e se manteve alheia a possíveis contactos com gentes vizinhas. Na verdade, os monumentos são exclusivamente de índole funerária, predominam as estejas lisas de topo arredondado e abundam gentílios e cognomes (nomeadamente de etimologia grega) que só ali se testemunham à escala peninsular (v. g.: *Asmenos, Asterope, Constitutus, Damalis, Esychus, Mystes, Nicostratus, Paelignus, Pancarpe, Potens, Saufeius, Strobilus, Talpicius...*). Prefigura-se, pois, uma população de comerciantes e de agricultores, com seus escravos e libertos.

Não traz o volume novidade de maior ao nível de leituras, interpretações ou dados inéditos. Detém, no entanto, o sumo interesse de reunir toda a documentação epigráfica existente e de possibilitar, por isso, a conclusão acima apontada.

Em comentário ao meu *Roteiro Epigráfico Romano de Cascais* (Cascais 1994), escreveu amavelmente Giancarlo Susini: «Ci si augura che ogni contrada del mondo antico possa disporre di simile compendio, pur accanto ai necessari e tradizionali cataloghi» (*Epigraphica* 56 1994 267). Ora aqui está também, na obra de José Corell, a concretização do voto formulado.

Na introdução, faz-se a história da investigação epigráfica local, caracteriza-se o contexto geográfico e histórico, traça-se logo uma panorâmica do material a estudar. Seguem-se o rol das abreviaturas bibliográficas usadas e a bibliografia.

Os monumentos são apresentados por ordem geográfica: de sul para norte e de leste para oeste; em cada povoação, seguiu-se a ordem alfabética dos gentilícios. Dá-se de cada monumento (além do número e da indicação se está ou não ilustrado): a descrição, local de achado e paradeiro actual, dimensões, bibliografia (por ordem cronológica), a leitura interpretada (mantendo a disposição linear original e grafando com maiúscula o que vem na pedra), tradução, variantes de leitura, comentário paleográfico e comentário histórico, com proposta de datação (baseada em critérios válidos).

A conclusão (pp. 110-116), clara e sucinta, faz o balanço da investigação efectuada e salienta aspectos relativos ao material (local); à tipologia dos monumentos (total ausência de placas e a já referida abundância de estelas); à cronologia (confirmando-se, também aqui, a hipótese que lancei em 1981 - vide *Épigraphie Hispanique*, Paris, 1984, pp. 297-300) - de que a estela antecederia a ara e a placa e que estas predominam em ambiente urbano, inexistente em Safor); à onomástica, designadamente na sua vertente de índice social (3 escravos, 30 libertos, 27 *ingenui*); para terminar afirmando:

«A epigrafia e a arqueologia parecem, pois, indicar que Safor, uma comarca de grandes recursos naturais e dotada de boas comunicações por terra e por mar, teve, na época romana, uma estrutura socioeconómica de base fundamentalmente agrária, embora também industrial e comercial».

Vêm, depois, as ilustrações e os (sempre muito úteis) índices epigráficos; a tábuca de correspondências (talvez se pudessem também ter incluído todas as referências a ILER, mesmo que já figurassem nas correspondências do CIL); o rol dos lugares de achado e de conservação e a procedência das fotografias.

Agradou-me o livro, que, pela clareza e simplicidade, pode, sem dúvida, apresentar-se como monografia epigráfica exemplar. A capa, a cores, está igualmente bem conseguida, com a reprodução dum dos monumentos mais significativos do conjunto. Sublinharia, por conseguinte, dois ou três aspectos em que ele, por isso mesmo, propicia troca de opiniões.

Em primeiro lugar, gostaria de ter visto melhores fotografias. Hoje em dia, já há fotógrafos capazes de fazer um bom trabalho, impressores que sabem ter gosto em utilizar o papel mais adequado e, neste aspecto, o livro de J. Corell pode melhorar substancialmente, se a peça for 'isolada' com fundos neutros no momento da fotografia, se lhe for dada uma iluminação conveniente. Aliás, também se não compreende bem qual o critério usado para a sequência das fotos: porque não se seguiu a ordem do catálogo?

De resto, também essa ordem se poderá discutir, atendendo à circunstância de se tratar de um pequeno território e de, finalmente, se ter verificado que a sua população, ao tempo dos Romanos, detivera grande homogeneidade.

Quanto a essa população, permitir-me-á o Autor que dele discorde quando declara: «Em geral, trata-se, segundo parece, de gente indígena, ainda que não falte um ou outro vindo doutros pontos de Hispânia e talvez também do estrangeiro». Creio que não, como já atrás referi. A onomástica - sobejamente o vai demonstrando ao longo dos comentários ao catálogo - é, na sua maioria, alheia à Península, como o é a utilização da estela de topo semicircular ou a iconografia do nº 18. As gentes que aportaram a Safor vieram da Península Itálica, logo nos

primórdios da colonização, e por ali se quedaram, agricultores, nessa fértil Horta de Gândia, que o botânico setecentista Cavanilles ainda chegou a considerar «um dos recintos mais preciosos do reino» das Espanhas (p. 5). Não se misturaram com a população indígena, se é que ela existiu; pelo menos, a epigrafia não tem traços de uma qualquer aculturação. Se nem deuses eles adoraram!...

Alguns dos textos merecerão também referência especial, pelas suas inusitadas características.

Assim, no nº 9, regista-se o cognome grego *Phiale* (com a grafia *Piale*), que restitui numa epígrafe de Évora (CIL II 5194, IRCP 394), onde também surge mal grafado (*Pialeh*). *Thymele* (nº 17) é cognome a relacionar com *Thymelicus*, documentado numa placa de monumento sepulcral familiar do concelho de Fundão, no *conventus Emeritensis* (HEp I 1989 673).

Notável, o formulário final, em dístico elegíaco, do nº 18 (ILER 5744, CLE 1457) - *Quisquis in has partes quisquis percurris in illas precor uti dicas s(it) (ibi) t(erra) l(evis)* - que merece da parte de J Corell o oportuno comentário: «*Percurro* parece ter aqui o sentido intensivo de “andar afadigado”. O dístico é, pois, uma súplica ao transeunte, afobado pelas preocupações da vida, para que se lembre do defunto e lhe deseje a paz», acrescentando que a expressão sugere, ainda, que o monumento «se encontrava à beira de uma via pública» (p. 67).

Inusitada, a fórmula *T(itulum) FA(ciendum) Q(uravit) D(e) <S(uo)>* -- sintoma, segundo Corell, de um lapicida inexperiente (nº 19). Poderá também pensar-se que houve regravação dum texto original mal compreendido.

O nº 25 é, em meu entender, dada a forma, a ausência de alisamento nas faces laterais e posterior assim como as dimensões conservadas ~ (73) x (100) x 32 →, o bloco arquitectónico para figurar num edifício sepulcral. J. Corell não o refere expressamente e, inclusive, apresenta como critério de datação na Iª metade do século II o «tipo de monumento». Preferiria atribuir-lhe uma datação ainda do século I e a menção única do nome do defunto, sem quaisquer formulários, aponta justamente no sentido de o bloco identificar o jazigo da família de *Gn. Numisius Numisianus*, existente na sua *villa*. De resto, eu poria este monumento em paralelo com o nº 20, que também é um bloco e ostenta apenas o nome do defunto, *P. Talpicius Rusticus*; o Autor data-o da primeira metade do século I d. C. – proposta que se me afigura correcta.

A propósito do nº 29, em que a fórmula final (h. s. e. s. t. t. l.) antecede o nome do defunto, cita o Autor, como paralelo, com base na informação de Hübner (CIL II, p. 1176), CIL II 453. Trata-se de uma interessante inscrição rupestre proveniente de Capinha (Fundão), sobre cuja autenticidade tive ocasião de recentemente me debruçar (cf. *Trebaruna* 3 1994 43-53).

Refira-se, ainda, a presença de uma liberta de dois patronos (nº 36), embora tanto os manuscritos como a cópia do monumento desaparecido possam suscitar dúvidas de interpretação.